

---

**Band 54**    **Romanische Sprachen und ihre Didaktik**  
Herausgegeben von Michael Frings, Andre Klump & Sylvia Thiele

---

María José García Folgado & Carsten Sinner (edd.)

*Lingüística y cuestiones  
gramaticales en la didáctica  
de las lenguas iberorrománicas*



*ibidem*

### **Bibliografische Information der Deutschen Nationalbibliothek**

Die Deutsche Nationalbibliothek verzeichnet diese Publikation in der Deutschen Nationalbibliografie; detaillierte bibliografische Daten sind im Internet über <http://dnb.d-nb.de> abrufbar.

### **Bibliographic information published by the Deutsche Nationalbibliothek**

Die Deutsche Nationalbibliothek lists this publication in the Deutsche Nationalbibliografie; detailed bibliographic data are available in the Internet at <http://dnb.d-nb.de>.

∞

Gedruckt auf alterungsbeständigem, säurefreiem Papier  
Printed on acid-free paper

ISSN 1862-2909

ISBN: 978-3-8382-0761-2

© *ibidem*-Verlag  
Stuttgart 2015

Alle Rechte vorbehalten

Das Werk einschließlich aller seiner Teile ist urheberrechtlich geschützt. Jede Verwertung außerhalb der engen Grenzen des Urheberrechtsgesetzes ist ohne Zustimmung des Verlages unzulässig und strafbar. Dies gilt insbesondere für Vervielfältigungen, Übersetzungen, Mikroverfilmungen und elektronische Speicherformen sowie die Einspeicherung und Verarbeitung in elektronischen Systemen.

All rights reserved. No part of this publication may be reproduced, stored in or introduced into a retrieval system, or transmitted, in any form, or by any means (electronical, mechanical, photocopying, recording or otherwise) without the prior written permission of the publisher. Any person who does any unauthorized act in relation to this publication may be liable to criminal prosecution and civil claims for damages.

Printed in Germany

## Referencias bibliográficas

- ALVAR EZQUERRA, M. 1998. "Nebrija ¿comprendido?", in: Andrés-Suárez, I. & López Molina, L. (edd.). *Estudios de lingüística y filología españolas: homenaje a Germán Colón*. Madrid: Gredos, 29-37.
- CANO AGUILAR, R. 1998. "Los orígenes del español: nuevos planteamientos". in: Andrés-Suárez, I. & López Molina, L. (edd.). *Estudios de lingüística y filología españolas: homenaje a Germán Colón*. Madrid: Gredos, 127-140.
- CODOÑER, C. 2000. *Gramáticas latinas de transición. Juan de Pastrana, Fernando Nepote. Introducción y edición crítica*. Salamanca: Universidad de Salamanca.
- CORREDOR TAPYAS, J. & ROMERO FARFÁN, C. 2009. "Seis gramáticos celeberrimos y sus gramáticas: Panini, Dionisio de Tracia, Antonio de Nebrija, Andrés Bello, Rufino José Cuervo Urisarri y Miguel Antonio Caro Tobar", in: *Cuadernos de Lingüística Hispánica* 14, 199-222.
- GUTIÉRREZ GALINDO, M. A. 1995. "Algunas deficiencias estructurales en los métodos tradicionales de enseñanza del latín", in: Valcárcel, V. ed. *Didáctica del latín. Actualización científico-pedagógica*. Madrid: Ediciones Clásica, 65-85.
- NEBRIJA, E. A. de. 1492. *Gramática de la lengua castellana*. Salamanca. Edición de Galindo Romero, P. & Ortiz Muñoz, L. 1946. Madrid.
- PEÑALVER CASTILLO, M. 1992. "Nebrija: la gramática de ayer y la gramática de hoy", in: *Cauce* 14-15/14, 221-232.
- RAMAJO CAÑO, A. 1987. *Las gramáticas de la lengua castellana desde Nebrija a Correas*. Salamanca: Universidad de Salamanca.
- REDONDO RODRÍGUEZ, M<sup>a</sup> J. 2004. "Manuales para la enseñanza de lenguas en la Europa del s. XVI: el embrión de la lingüística aplicada", in: Castillo Carballo, M. A. (ed.). *Las gramáticas y los diccionarios en la enseñanza del español como segunda lengua, deseo y realidad Actas del XV Congreso Internacional de ASELE*. Sevilla: ASELE, 719-726.
- SÁNCHEZ ARROBA, M<sup>a</sup> E. 2006. "Reflexiones en torno a la enseñanza de una lengua muerta que necesitamos traducir: el latín clásico", in: Marín Marín, A. & Peña Aguilar, A. & Pérez Morfín, A. (ed.). *Memorias del II Foro de Estudios en Lenguas Internacional (FONAEI)*. México: U. de Quintana Roo, 231-245.

## Gramática e Manuais Escolares – que avaliação?

Madalena Teixeira (Santarém/Lisboa)

Sandra Lopes (Santarém)

Ana Rita Gorgulho (Santarém)

## Resumo

Esta comunicação é sobre a transposição didática dos conteúdos gramaticais para os manuais escolares, no 1.º Ciclo, em Portugal, sendo o nosso ponto de partida aferir em que medida os manuais escolares estão de acordo com as Metas Curriculares de Português (2012).

É nosso entendimento que o conhecimento gramatical assume particular relevo na vida de um qualquer cidadão, na medida em que potencia o desenvolvimento de um conjunto de conhecimentos linguísticos que culminam no aprofundamento da competência comunicativa já existente em cada sujeito falante. Neste contexto, o manual escolar funciona, assim, como "...o primeiro recurso educativo que, numa sociedade com o ideal de disponibilizar o acesso a uma educação de qualidade para todos, está acessível a todos os alunos, independentemente do seu estatuto cultural, socioeconómico ou da região em que vivem" (Rego et al. 2010, 2).

Cientes da recente homologação do documento Metas Curriculares de Português em 2012 e da obrigatória atualização dos manuais escolares já avaliados e certificados (Despacho n.º 95-A/2013), o que justifica *per si* um conhecimento aprofundado acerca desta temática, concebemos os seguintes objetivos para desenvolvimento deste estudo: i) analisar as Metas Curriculares de Português, no que refere à gramática; ii) analisar a coleção de manuais de Português do 1.º e 2.º ano do 1.º Ciclo mais adotada no distrito de Santarém, em Portugal; iii) verificar a correlação entre os manuais de português analisados e as Metas Curriculares (2012).

A metodologia utilizada para o efeito é de natureza qualitativa, baseando-se no estudo de caso (Yin, 2010), uma vez que pretendemos compreender e conhecer detalhadamente a situação particular de uma coleção de manuais escolares.

O estudo encontra-se em fase de desenvolvimento. No entanto, os resultados apontam para a ausência de articulação entre as Metas Curriculares (MCP 2012) e os manuais escolares analisados.

## 1. Introdução

A entrada na escola e o respetivo ensino formal da gramática possibilita que cada indivíduo aprenda a usar a língua de acordo com as suas necessidades, tanto de primeira instância, como simplesmente por fruição. Se a gramática for entendida como “o conjunto de conhecimentos linguísticos que um usuário da língua tem internalizados para uso efetivo em situações concretas de interação comunicativa” (Travaglia 2007, 17), compreendemos como pode influenciar a qualidade de vida do indivíduo, já que o desempenho linguístico de um falante dependerá dos recursos e mecanismos que dominar. Quanto melhor souber usar a sua língua, melhor uma pessoa se movimentará dentro da sociedade, melhor será a sua relação com os outros.

Assim sendo, é fundamental que o ensino e a aprendizagem da gramática ocorra logo no início da escolarização, a fim de o aluno desenvolver a capacidade de reflexão de sistematização de “[...] unidades, regras e processos gramaticais do idioma, levando à identificação e à correção do erro” (PPEB 2009, 16). A necessidade do desenvolvimento “desta capacidade” encontra-se sustentada nas Metas Curriculares de Português (MCP 2012, 4) – “o documento de referência para o ensino e a aprendizagem e para a avaliação externa e interna” –, indicando este os desempenhos “que, de forma imprescindível, os alunos deverão revelar” (MCP 2012, 6), em cada ano de escolaridade.

Neste âmbito, tendo em conta que há uma preocupação governamental em dar resposta a contextos de assimetrias sociais e políticas, procurando “[...] desenvolver padrões de qualidade e assegurar estabilidade no sistema educativo” (Decreto-Lei n.º 261/2007, de 17 de Julho, p. 4543) e que o “Governo [se] afasta de concepções que aceitam que os manuais escolares sejam um artigo descartável [...]” (Decreto-Lei n.º 261/2007, de 17 de Julho, p. 4544) considera-se, então, indispensável analisar manuais escolares adotados, a fim de verificar se existe, ou não, articulação conteudístico-didática entre os textos reguladores da prática pedagógica – MCP (2012) – e os mesmos.

Os objetivos do estudo, que seguidamente se apresenta, são: i) analisar as Metas Curriculares de Português, no que refere à gramática; ii) analisar os três manuais de português do 1.º Ciclo mais adotados, em Portugal; iii) verificar a correlação

entre os manuais de português analisados e as Metas Curriculares (MCP 2012), no que refere ao domínio da Gramática.

Assim, num primeiro momento deste texto reflete-se acerca da Gramática e do documento Metas Curriculares de Português (MCP 2012).

Os procedimentos metodológicos adotados para este estudo antecedem a análise e interpretação dos resultados, finalizando com o tecimento de considerações finais.

## 2. A gramática e as Metas Curriculares de Português

Para sermos cidadãos ativos e inseridos na nossa sociedade é através da comunicação, quer escrita, quer oral, que nos relacionamos com os outros. Dependendo dos recursos comunicativos que temos, conseguimos adaptar ou não o nosso discurso a diferentes tipos de situações. Deste modo, é fundamental compreendermos a importância e a relação que a gramática tem na qualidade das nossas vidas (Travaglia 2007).

Se, por um lado, se pode entender gramática como um conjunto de regras que ensinam a escrever e a falar de forma correta numa determinada língua (Antunes 2003; Silva 2006), por outro lado, ela também é um “[...] conjunto de condições linguísticas para a significação” (Travaglia 2007, 45). Ou seja, todo o conjunto de recursos, mecanismos e princípios que um falante pode utilizar com o intuito de produzir significado e, também, sentido.

Efetivamente, o conceito de gramática afigura-se polissémico e reveste-se de especificidades que podem conduzir os investigadores a complexas balizas terminológicas. Assim, e tendo em conta que este estudo se desenvolve no contexto de ensino e de aprendizagem, considerou-se essencial trabalhar com o entendimento preconizado no Programa de Português do Ensino Básico (PPEB 2009), sendo que a nomenclatura adotada é a de Conhecimento Explícito da Língua para o desenvolvimento da competência referente ao conhecimento gramatical, e, em particular, com as Metas Curriculares de Português (MCP 2012), cujos autores optaram pela designação Gramática.

Atente-se, para tanto, no Quadro 1 - A Gramática nas Metas e no Programa, 1.º ano do 1.º CEB – e no Quadro 2 – A Gramática nas Metas e no Programa, 2.º ano do 1.º CEB.

Metas Curriculares Domínio da Gramática- 1º ano	Programa de Português Competência do CEL – 1º e 2º anos	
<p><b>Objetivo:</b> Descobrir regularidades no funcionamento da língua.</p> <p><b>Descritores de Desempenho:</b> Formar femininos e masculinos de nomes e adjetivos de flexão regular (de índice tonal) – (1, 2, 3, 4). Formar singulares e plurais de nomes e adjetivos que seguem a regra geral (serenocente – ao singular), incluindo os que terminam em –m e fazem o plural em –as (fim, bom, etc.).</p> <p><b>Objetivo:</b> Compreender formas de organização do léxico.</p> <p><b>Descritores de Desempenho:</b> A partir de atividades de oralidade, verificar que há palavras que têm significado semelhante e outras que têm significado oposto.</p>	<p><b>Descritores de Desempenho:</b> • Identificar palavras e constituintes de palavras e observar os efeitos fonológicos (1).</p> <p>• Formar femininos, masculinos, singulares e plurais; • Produzir novas palavras a partir de sufixos e prefixos.</p> <p>• Comparar dados e analisar regularidades (1).</p>	<p><b>Conteúdos:</b> • (1) Flexão nominal, adjetival – número (singular, plural); género (masculino, feminino). • Flexão pronominal (singular, plural); género (masculino, feminino); pessoa (1, 2, 3, 4).</p> <p>• Sinónimos, antónimos.</p>

Quadro 1 – A Gramática nas Metas e no Programa, 1.º ano do 1.º CEB.

Metas Curriculares Domínio da Gramática- 2º ano	Programa de Português Competência do CEL – 1º e 2º anos	
<p><b>Objetivo:</b> Explicar regularidades no funcionamento da língua.</p> <p><b>Descritores de Desempenho:</b> 1. Identificar nomes. 2. Identificar o determinante artigo (definido e indefinido). 3. Identificar verbos. 4. Identificar adjetivos.</p> <p><b>Objetivo:</b> Compreender formas de organização do léxico.</p> <p><b>Descritores de Desempenho:</b> A partir de atividades de oralidade e de leitura, verificar que há palavras que têm significado semelhante e outras que têm significado oposto.</p>	<p><b>Descritores de Desempenho:</b> • Identificar palavras e constituintes de palavras e observar os efeitos fonológicos (1).</p> <p>• Formar femininos, masculinos, singulares e plurais; • Produzir novas palavras a partir de sufixos e prefixos.</p> <p>• Comparar dados e descobrir regularidades (1).</p> <p>• Explicar. • Distinguir nomes, verbos e adjetivos.</p>	<p><b>Conteúdos:</b> • (1) Flexão nominal, adjetival – número (singular, plural); género (masculino, feminino). • Flexão pronominal (singular, plural); género (masculino, feminino); pessoa (1, 2, 3, 4).</p> <p>• Sinónimos, antónimos. • Nome – substantivo, numeral (coletivo). • Adjetivo. • Verbo.</p>

Quadro 2 – A Gramática nas Metas e no Programa, 2º ano do 1º CEB

Os Quadros 1 e 2 apresentam os conteúdos nas MCP (2012) do 1.º e 2.º anos do CEB, no domínio da Gramática, e no PPEB (2009), na competência Conhecimento Explícito da Língua. Destaca-se, no entanto, que nestes Quadros, na coluna relativa ao PPEB, apenas constam os conteúdos que encontram “correspondência” nas MCP. Numa primeira leitura ao PPEB (2009), de imediato se detetam outros conteúdos no âmbito da Conhecimento Explícito da Língua/Gramática, como são os casos que se enumeram: vogais orais e nasais, consoantes, ditongos, sílabas, dígrafos, ordem alfabética, verbos, tempos verbais

– presente, futuro, pretérito perfeito –, frase e não frase, sujeito, predicado, grupo nominal e grupo verbal, família de palavras, acentuação: acentos gráficos – agudo; grave; circunflexo, princípios de cortesia, formas de tratamento, sinais de pontuação: ponto final; ponto de interrogação; ponto de exclamação; reticências; vírgula; dois pontos; travessão. Acredita-se que se estes conteúdos fossem perspectivados pelo documento MCP (2012), que, como já foi referido, constitui um referencial de avaliação interna e externa, provavelmente os resultados apresentados no Relatório intitulado Projeto Testes Intermédios 1.º Ciclo do Ensino Básico 2013 (PTI 2013) não teriam como um dos “[...] piores desempenhos dos alunos [...]” (PTI 2013, 7) o “[...] domínio do Conhecimento Explícito da Língua [...]” (PTI 2013, 7) a par, como se considera espetável, do “[...] domínio da Escrita [...]” (PTI 2013, 7).

Note-se ainda que as fragilidades detetadas no âmbito da Gramática ocorrem precisamente nos planos morfológico (35% de respostas corretas), sintático (45,8% de respostas corretas) e da representação gráfica e ortográfica (25,5% de respostas corretas) (PTI 2013, 11). As implicações, na escrita, deste (des)conhecimento fizeram-se notar no domínio da escrita, uma vez que apenas 39,6% foi capaz de produzir um texto coerente, 37,8% foi capaz de utilizar vocabulário adequado e 24,7% foi capaz de escrever com correção ortográfica. Parece assim lícito afirmar a inegável relação existente entre a Gramática e a Escrita e a necessidade de revisão dos objetivos indicados nas MCP (2012).

Ainda, da análise destes Quadros, depara-se com, o que entendemos ser, um reduzido número de conteúdos, sem que se observe qualquer referência ao *Dicionário Terminológico* (DT) (2008). Note-se que este Dicionário é um dos documentos que sustenta o enquadramento, independentemente de poder ser considerado de “feição doutrinária”, do PPEB (2009) e que no documento MCP (2012), na sua introdução, se lê “Em muitos casos, os objetivos e respetivos descritores foram nas Metas Curriculares retomados *ipsis verbis*, outros foram objeto de especificação, outros, ainda, foram considerados como não integrando os conteúdos essenciais, que o presente documento define” (MCP 2012, 4).

Chega-se, então, a uma conjuntura merecedora de reflexão: i) confirma-se que, de facto, as MCP (2012) são redutoras,<sup>1</sup> relativamente ao PPEB (2009), no que concerne às aprendizagens a efetuar, por parte dos alunos, uma vez que é explícito no próprio documento que houve objetivos e respetivos descritores que “não foram considerados”; ii) as MCP (2012) parecem constituir um Programa Paralelo ao PPEB (2009), na medida em que no mesmo documento se pode ler que este define os conteúdos essenciais. Afinal o documento MCP (2012) é um Programa? É outro Programa? Sobrepõe-se ao PPEB (2009)? Com rigor, é difícil obter resposta a estas perguntas, porque nas MCP (2012) pode ler-se que houve “uma nova arrumação de alguns conteúdos” (MCP 2012, 5) e que “houve a preocupação de as formular [às MCP, 2012] de forma clara e precisa de modo a que os professores saibam *exatamente* o que se pretende que o aluno aprenda” (MCP 2012, 1, destacado nosso).

Perante este contexto de contornos tão próprios, defende-se que o manual escolar assume um papel de relevo na vida escolar; tanto dos professores como dos alunos.

## 2. Os manuais escolares

O ato de ensinar é uma atividade relacional, onde o professor interage com os alunos. No apoio das práticas educativas, devido às exigências de uma sociedade que se encontra em constante mudança, existem instrumentos facilitadores, estruturadores e reguladores dessas práticas, sendo o manual escolar um suporte de informações de extrema importância no processo educativo (Magalhães 1999, João 2009, Teixeira 2012, 2013).

Sublinha-se, no entanto, que o manual constitui um recurso primordial pelo facto de aglomerar informações formais para o contexto de transmissão e aquisição de conhecimentos, que dependem da forma como são discutidos e trabalhados na sala de aula (Calado/Neves 2012). Além disso, transmite valores,

<sup>1</sup> A este propósito veja-se a (des)articulação que existe entre as MCP (2012), o PPEB (2009) e a Avaliação Externa compreendida pelas Provas Nacionais de Final de Ciclo – 1ª fase e 2ª fase –, em 2013. Cf. Teixeira/Correia/Pereira (2014).

influencia posturas e atitudes, funcionando muitas vezes como um elo entre a escola e a família.

O manual escolar é utilizado desde há muitos séculos e são diversos os autores que apresentam uma proposta de definição (Aran 1997), ora advogando que este constitui um material bem organizado (Richaudeau 1986), ora associando-o à aquisição de conhecimentos escolares de determinada disciplina (Choppin 1992), sendo, inclusivamente, um material fácil de transportar, que pode ser não só trabalhado num coletivo, na escola, mas também em casa, para uso individual.

Embora se conheça a “[...] prevalência de uma cultura pedagógica que preconiza a produção e adaptação dos materiais de ensino diferenciados que possam responder à singularidade de cada escola, de cada turma ou mesmo de cada aluno [...]” (Decreto-Lei n.º 261/2007 de 17 de julho, p. 4543), em muitos casos, os professores seguem os manuais de forma “estanque” e a sua prática pedagógica reflete mais a mensagem do manual adotado do que propriamente a dos documentos norteadores do currículo.

Calado e Neves (2012) acrescentam que, tal como os manuais escolares refletem as interpretações que os autores dos mesmos fazem acerca dos documentos orientadores, também os professores fazem interpretações dos manuais e dos documentos curriculares, tendo em conta as suas conceções pedagógicas e ideológicas. Quer-se com isto dizer que os manuais escolares podem ter uma mensagem diferente da que estava prevista, salientando-se, assim, que, os seus autores, ao elaborarem os textos dos manuais, as aprendizagens que estes “transmitem” traduzem-se em determinadas relações sociais reguladas por documentos curriculares.

Os mesmos autores sublinham que o professor tem flexibilidade e autonomia na lecionação dos conteúdos constantes nos manuais, não significando que essa flexibilidade represente potencialidades, visto que pode limitar e aumentar as desigualdades nas aprendizagens dos alunos, pelo facto de, para um mesmo programa, existir uma diversidade de manuais, que pode ter na sua constituição diferentes mensagens sociológicas. Todavia, apesar de o manual ser defendido por uns e criticado por outros, o que realmente importa são os alunos e isso é consensual. Para uns alunos, o uso do manual pode resultar per si, para outros pode não constituir fator de sucesso e tornar-se desmotivante (Sousa 2012).

Para fazer face a este tipo de situações, é fundamental existirem critérios que orientem a elaboração dos manuais escolares, regidos por

[...] princípios não só científicos e pedagógicos, mas também, linguístico[s], concetua[...][is], de articulação e conformidade com os curricula, de adequação ao desenvolvimento de competências – gerais, específicas e facilitadoras de uma integração na vida activa de um qualquer cidadão -, informando adequadamente e de modo perceptível à faixa etária a que se destina, primando pela coerência, seja escrita, seja em imagens, destacando sempre valores que se revelam a partir da não discriminação de etnias, culturas, religiões e sexo e da ausência de propagandas ideológicas, religiosas e políticas (Teixeira 2012, 56).

### 3. Procedimentos metodológicos

Os procedimentos metodológicos nos quais se enquadra esta investigação são de natureza qualitativa, assumindo características de estudo de caso, na medida em que pretende analisar a coleção de manuais escolares, de Português, do 1.º CEB, mais adotada no distrito de Santarém, em Portugal.

Uma vez que este estudo ainda se encontra em fase de desenvolvimento, sendo os dados que agora apresentamos parciais, nesta primeira fase a amostra foi constituída através dos seguintes critérios: i) manuais, de Português, mais adotados nas escolas – 1.º e 2.º anos de escolaridade; ii) manuais certificados pela Direção Geral de Ensino – Ministério da Educação e Ciência, como estando em conformidade com as MCP (2012).

A análise efetuada é de tipo conteudístico, sendo os manuais em apreço: Letra, C., & Borges, M. (2013). *O Mundo da Carochinha – 1º ano*. Alfragide. Editora Gailivro; Lima, E., Barrigão, N., Pedroso, N., & Santos, S. (2013). *Alfa – Português 1 – 1º ano*. Porto. Porto Editora; Lima, E., Barrigão, N., Pedroso, N., & Rocha, V. (2013). *Alfa – Português 2 – 2º ano*. Porto. Porto Editora.

Os resultados do manual *O Mundo da Carochinha – 2º ano*, de autoria de Letra, C., & Borges, M. (2013). Alfragide: Editora Gailivro, não são apresentados neste texto, em virtude de não haver acesso à versão definitiva da edição de 2013, por razões editoriais.

### 4. Análise e interpretação dos dados

Os gráficos seguintes – Gráficos 1, 2 e 3 – evidenciam o número de exercícios que são apresentados para cada conteúdo no manual *Alfa* do 1.º ano, no Mundo da Carochinha do 1.º ano e no *Alfa* do 2.º ano, respetivamente, sendo que a cor vermelha indica as metas constantes nas MCP (2012) e a cor azul os conteúdos que constam no PPEB (2009).

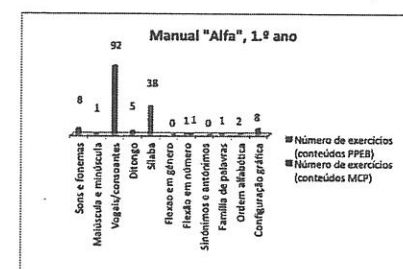


Gráfico 1 – Número de exercícios do manual *Alfa*, do 1.º ano, de acordo com o PPEB (2009) e as MCP (2012)

Os resultados, do Gráfico 1, mostram que o manual *Alfa* do 1.º ano apenas apresenta um exercício relativo ao conteúdo “flexão em número”, sendo uma das metas curriculares presente no documento MCP (2012). Verifica-se, ainda, que não existe nenhum exercício que corresponda aos conteúdos “flexão em género” e “sinónimos e antónimos”. Observa-se, todavia, pelos conteúdos indicados, que no manual se dá maior relevo às orientações consignadas no PPEB (2009), com particular destaque para o treino de exercícios relacionados com vogais e consoantes – 92 exercícios – e da sílaba – 38 exercícios –, seguindo-se-lhe exercícios relacionados com sons e fonemas e com a configuração gráfica – 8. De facto, estudos (Sim-Sim 2009; Batista et al. 2011) relacionados com o desenvolvimento da consciência fonológica têm vindo a mostrar que o conhecimento dos sons das vogais e das consoantes são essenciais para o sucesso da leitura e da escrita, podendo decorrer em níveis diferentes: i) consciência silábica; ii) intrassilábica; iii) fonémica. A consciência silábica antecede o desenvolvimento

da consciência de outros elementos fonológicos, ou seja, de outros fonemas, formando estes os constituintes silábicos e os sons da fala (Freitas/Alves/Costa 2007; Sim-Sim 1997; Freitas/Santos 2001). A consciência intrassilábica concerne à capacidade de identificar e manipular os segmentos que formam, internamente, uma sílaba, estando estes agrupados organizadamente dentro da mesma em Ataque (consoante que se encontra à esquerda da vogal, numa determinada sílaba – ho.mem) e Rima. A Rima, por sua vez, pode ramificar-se somente em Núcleo (vogal da sílaba – ho.mem) e/ou em núcleo e Coda (consoante à direita da vogal, numa dada sílaba – ho.mem). Quanto ao desenvolvimento da consciência fonémica, este realiza-se de modo lento, na medida em que se trata de ser capaz de identificar e também manipular os fonemas que constituem as palavras, isto é, unidades sonoras muito pequenas, abstratas e sem uma base física simples (Silva 2003), na medida em que a sua perceção pode variar de acordo com o contexto de produção linguística. Estudos de Sim-Sim 1998; Veloso 2003; Nunes 2012 mostram que as crianças evidenciam um fraco ou inexistente desenvolvimento da consciência fonémica à entrada do ensino formal.

Mas vejamos-se, seguidamente, os resultados do segundo manual do 1.º ano – Gráfico 2 – Número de exercícios do manual *O Mundo da Carochinha*, do 1.º ano, de acordo com o PPEB (2009) e as MCP (2012).

No que diz respeito ao manual *O Mundo da Carochinha* do 1.º ano, podemos considerar que estão de acordo com os conteúdos consignados no documento MCP (2012). Porém, é-lhes dada pouca relevância, na medida em que existem, apenas, três exercícios para o conteúdo “flexão em número”, três para “flexão em género” e dois para os “sinónimos e antónimos”.

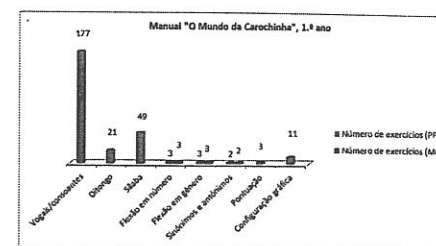


Gráfico 2 – Número de exercícios do manual *O Mundo da Carochinha*, do 1.º ano, de acordo com o PPEB (2009) e as MCP (2012)

À semelhança do manual anterior, registam-se conteúdos indicados no PPEB (2009) representados em número mais expressivo do que os das MCP (2012). Também esses conteúdos se enquadram no domínio da consciência fonológica, do que se pode depreender que os autores destes manuais consideraram fundamental a concretização de aprendizagens neste âmbito.

Parece-nos, com efeito, que estes conteúdos constantes no PPEB (2009) são de capital importância para o sucesso escolar dos alunos, devendo, em nosso entender, haver uma indicação formal e explícita, relativa aos mesmos, no domínio Gramática, no documento MCP (2012).

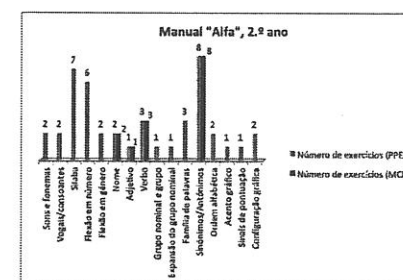


Gráfico 3 – Número de exercícios do manual *Alfa*, do 2.º ano, de acordo com o PPEB (2009) e as MCP (2012)

Finalmente, o manual *Alfa* do 2.º ano contém exercícios relacionados com os conteúdos “nome”, “adjetivo”, verbo” e “sinónimos e antónimos”, previstos pelas

MCP (2012). Note-se, no entanto, que o maior número de exercícios se verifica no conteúdo “sinónimos e antónimos” - 8. Para os conteúdos “verbo”, “nome” e “adjetivo”, observou-se, na análise efetuada, existem 3, 2 e 1 exercícios, respetivamente.

Apesar de o desenvolvimento do capital lexical se refletir no maior número de exercícios - 8 -, estes não se afiguram, em nosso entender, suficientes, porque acreditamos que o léxico assume particular relevo na comunicação de sujeitos crianças e adultos, independentemente de terem a função de emissor e/ou de recetor, sendo a última ratio a construção do conhecimento. Salienta-se que uma palavra, seja sinónima, seja antónima, deve ser sempre atida a mais do que uma perspectiva, ou seja, há mais do que uma maneira “de olhar” para uma mesma palavra. Para tanto, pondere-se: i) a ortografia; ii) a fonética; iii) a semântica; iv) a sintaxe; v) a gramática (Teixeira 2010). Na primeira situação, tome-se como exemplo dossiê - está-se perante um galicismo (dossier), que, pode dizer-se, se “nacionalizou” ortograficamente, tendo por base critérios de natureza fonética. Atualmente estes dois termos linguísticos convivem no mesmo país, adotando uns falantes a ortografia original do Francês e outros a norma ortográfica portuguesa.<sup>2</sup> No que reporta à fonética, atente-se no exemplo da palavra “porco”, que dependendo da sua realização linguística, permite identificar a zona geográfica a qual um determinado falante pertence - /porku/ (zona centro) e /pwarku/ (zona norte). Relativamente à semântica, observe-se o exemplo de “O rodapé da casa é bonito” / “As notas de rodapé são muito úteis”. O mesmo elemento linguístico, dependendo do seu contexto de uso, adquire significados distintos. No que refere à sintaxe, a reorganização de palavras dentro de uma frase permite mobilidade interna, provocando, ou uma alteração de sentido, ou um aumento de intensidade, ou uma simples reorganização sem que haja alteração do sentido inicial. Vejam-se os exemplos “Que menina bonita” e “Que bonita menina”; “O filme é bom” e “O filme é extremamente bom”; “Ontem fui à praia” e “Fui à praia ontem”. Em v) incluem-se, então, as classes de palavras como os nomes, adjetivos, verbos, paradigmas flexionais em género e grau, a acronímia, os estrangeirismos, os

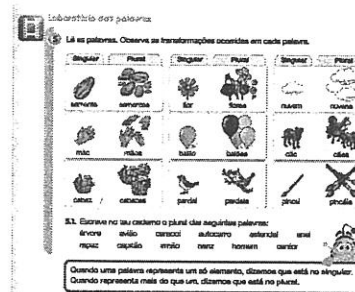
<sup>2</sup> Note-se que ambas as grafias se registram em dicionários portugueses. Cf. *Dicionário da Porto Editora* 2013 e *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* 2001.

neologismos, as abreviações, a derivação, a conversão, a composição e, claro, a sinonímia e a antonímia.

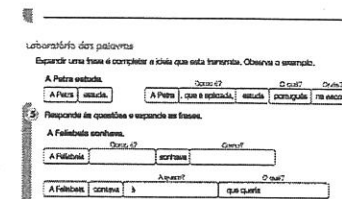
Preconiza-se, deste modo, que os lexemas não devem ser perspetivados como unidades estanques e somente estruturais, mas como unidades linguísticas que se revestem da necessidade de um conjunto de critérios para a sua atualização linguística e consequente aprendizagem.

Também acerca deste manual do 2.º ano de escolaridade, importa sublinhar que são retomados conteúdos que se encontram nos manuais do 1.º ano que são objeto de análise neste estudo. A saber: sons e fonemas, vogais e consoantes, flexão em género e número e configuração ortográfica.

Novamente, os autores deste manual foram além das indicações das MCP (2012), parecendo haver um claro suporte no PPEB (2009), com a inclusão de conteúdos como: grupo nominal, grupo verbal, expansão do grupo nominal; ordem alfabética, acento gráfico e pontuação. A “introdução” destes conteúdos afigura-se adequada, indo ao encontro das necessidades sentidas pelos alunos que realizaram o Teste Intermédio (TI) (prova de âmbito nacional, conforme referido anteriormente).



Exemplo 1 – Flexão em Número



Exemplo 2 – Expansão de Frases

É igualmente de salientar que todos os conteúdos gramaticais abordados ao longo do manual em análise se encontram na secção “Laboratório de palavras”, fazendo-se acompanhar por uma breve explicação sobre o conteúdo gramatical em estudo – Exemplo 1 – Flexão em Número. O Exemplo 2 – Expansão de Frases, apesar de se tratar de um exercício de sintaxe (logo considerado de relevo, se

tivermos em conta os resultados do TI), aparece uma única vez ao longo do manual.

Uma última nota, para este manual, recai no facto de não se entender a razão de a secção na qual se encontram exercícios do âmbito gramatical ter, invariavelmente, a designação de “Laboratório de palavras”, utilizando-se uma nomenclatura inadequada, conforme se pode observar no Exemplo 2 – Expansão de frases.

## 5. Considerações finais

Iniciou-se este texto com uma reflexão acerca da Gramática no documento Metas Curriculares de Português (MCP 2012), seguindo-se um apontamento sobre o manual escolar.

Posteriormente, efetuou-se uma análise, no domínio Gramática, no documento MCP (2012), estabelecendo uma comparação com o PPEB (2009), seguida de algumas questões que, cremos, assolam o pensamento dos docentes, podendo, eventualmente, interferir nas suas tomadas de decisão pedagógica.

A análise dos manuais escolares que integram a amostra permitiu verificar que, apesar de os mesmos indicarem, logo na capa, que estão de acordo com a MCP (2012), efetivamente não estão – casos dos manuais do 1.º ano. No caso do manual do 2.º ano, afigura-se-nos julgar que a quantidade de exercícios relativos às MCP (2012) servem para cumprir a exigência ministerial, na medida em que os momentos de trabalho potenciados pelo manual escolar são reduzidos. É nosso entendimento que o documento MCP (2012) não parece ter repercussões de relevo, pelo facto dos manuais não estarem devidamente articulados com as mesmas. Além disso, consideramos que este documento acaba por ser redutor se o compararmos com o documento PPEB (2009). Será que os autores das MCP (2012) consideraram que o PPEB (2009) era demasiado exigente, tendo por isso optado por indicar conteúdos (termo utilizado) em menor número? É nossa opinião, com base na consulta efetuada aos Relatórios de Exames Nacionais (2009, 2010, 2011, 2012) que não. Antes pelo contrário, defendemos ser necessário um trabalho contínuo, processual e sistemático no domínio da

Gramática, de forma a que haja um uso adequado e correto do conhecimento linguístico.

Note-se que apesar de se reconhecer a importância do manual escolar, este não deve substituir o trabalho do professor, que deve ser adequado e diferenciado, tendo em conta a heterogeneidade que caracteriza qualquer turma, podendo (e devendo), inclusivamente, construir materiais didáticos que sirvam o seu propósito e o dos seus alunos.

## Referências bibliográficas

- ANTUNES, I. 2003. *Aula de português: encontro e interação*, São Paulo: Parábola.
- ARAN, A. P. 1997. *Materiales Curriculares*, Barcelona: Editorial Grao.
- BATISTA, A. et al. 2011. *O Ensino da Escrita: Dimensão Gráfica, Ortográfica e Caligráfica*. Lisboa: Ministério da Educação – DGIDC.
- CALADO, S., & NEVES, I. 2012. *Currículo e manuais escolares em contexto de flexibilidade curricular. Estudo de processos de recontextualização*, Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- CHOPPIN, A. 1992. *Manuels Scolaires: Histoire et Actualité*. Paris: Hachette Éducation.
- Decreto-lei n.º 261/2007, Diário da República, 1ª Série, n.º 136, de 17 de julho de 2007.
- Dicionário da Porto Editora. 2013. Porto: Porto Editora.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea. 2001. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa - Verbo.
- Dicionário Terminológico (2008), dt.dgicd.min-edu.pt, visitado: 24.11.2014.
- FREITAS, M. J. & ALVES, D. & COSTA, T. 2007. *Conhecimento da Língua. Desenvolver a Consciência Fonológica*, Lisboa: Ministério da Educação – DGIDC.
- FREITAS, M. J. & SANTOS A. L. 2001. *Contar (histórias) de sílabas. Descrição e Implicações para o Ensino do Português como Língua Materna*, Lisboa: Edições Colibri e Associação de Professores de Português.
- JOÃO, F. 2009. *Manuais escolares do 1º Ciclo, Entre Currículo e Programas*. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- MAGALHÃES, J. P. 1999. “Um apontamento para a história do manual escolar /entre a produção e a representação”, in: Castro, R. V. et al. edd. *Manuais Escolares: estatuto, função, história – Actas do 1º Encontro Internacional Sobre Manuais Escolares*. Instituto de Educação e Psicologia, Braga: Universidade do Minho, 279-301.
- MCP = Ministério da Educação e Ciência. 2012. *Metas Curriculares de Português. Ensino Básico – 1.º, 2.º e 3.º Ciclos*, Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.
- Nunes, M. (2012). “A consciência fonológica e o desenvolvimento de competências de leitura”. Relatório de estágio no curso de mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB, Escola Superior de Educação de Santarém – Instituto Politécnico de Santarém; 29/11/2012, inédito.

- PPEB = Ministério da Educação e Ciência. 2009. Programa de Português do Ensino Básico, Lisboa: Ministério da Educação - DGIDC.
- PTI = Instituto de Avaliação Educativa. 2013. *Projeto Testes Intermédios – 1º Ciclo do Ensino Básico, Relatório 2013*, Lisboa: Instituto de Avaliação Educativa, I.P. IAVE.
- REGO, B. & GOMES C. A., & BALULA, J. P. 2010. *A avaliação e certificação de manuais escolares em Portugal: um contributo para a excelência. XI Congresso da AEPEC, 16 a 18 de setembro de 2010*. Universidade de Évora, [http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/4971/1/Rego\\_Gomes\\_%26\\_Balula%20\(2010\).pdf](http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/4971/1/Rego_Gomes_%26_Balula%20(2010).pdf), visitado: 21.10.2014.
- RICHAUDEAU, F. 1986. *Conception et Production des Manuels Scolaires. Guide Pratique*. Belgique: UNESCO.
- SILVA, A. 2003. *Até à Descoberta do Princípio Alfabético*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SILVA, A. 2006. *Configurações do Ensino da Gramática em Manuais Escolares de Português: Funções, organização, conteúdos, pedagogias*. Tese de Doutoramento em Educação, Minho: Universidade do Minho, Instituto da Educação e Psicologia.
- SIM-SIM, I. 1997. *A Língua Materna na Educação Básica. Competências Nucleares e Níveis de Desempenho*, Lisboa: Ministério da Educação – DEB.
- SIM-SIM, I. 1998. *O Desenvolvimento da Linguagem*, Lisboa: Universidade Aberta.
- SIM-SIM, I. 2009. *O Ensino da Leitura: a decifração*, Lisboa: Ministério da Educação – DGIDC.
- SOUSA, M. 2012. *A representação do “outro” nos manuais escolares – uma abordagem multimodal*. Dissertação de Mestrado, Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- TEIXEIRA, M. 2013. “El desarrollo de la escritura en los libros de texto de lengua portuguesa como lengua extranjera y segunda lengua – PLE/PSL – y el curriculum: (Des) articulación?”, in: Cancelas y Ouviaña, L. P. et al. edd.. *Aportaciones para una educación lingüística y literaria en el siglo XXI*, Cádiz: Editorial GEU, 1-12.
- TEIXEIRA, M. 2012. “A produção textual em livros didáticos de Português Língua Estrangeira/Português Língua Segunda”, in: Gil Daruj, B. & Sá Amado, R. edd. *Reflexões sobre o Ensino e Português para Falantes de outras Línguas*, São Paulo: Paulistana, 55-61.
- TEIXEIRA, M. 2010. “Léxico Português e Brasileiro – (in)Paralelismos”, in: Lima-Hernades, M. C. & Abreu Chulata, K. edd. *Língua Portuguesa em Foco: ensino-aprendizagem, pesquisa e tradução*, Lecce: Pensa Multimédia, 21-34.
- TEIXEIRA, M. & CORREIA, R., & PEREIRA, S. 2014. “Avaliar para conhecer. A Avaliação Externa vs. Documentos Norteadores da Prática Letiva (des)Articulação?”, in: Tomás, C. & Gonçalves, C. edd. *Atas do VI Encontro do CIEB – I Encontro Internacional em Estudos Educacionais. Avaliação: Desafios e Riscos*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais, 434-450.
- TRAVAGLIA, L. C. 2007. *Gramática – Ensino Plural*, São Paulo: Cortez Editora.
- VELOSO, J. M. 2003. *Da Influência do Conhecimento Ortográfico sobre o Conhecimento Fonológico. Estudo Longitudinal de um Grupo de Crianças falantes Nativas do Português Europeu*, Dissertação de Doutoramento. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- YIN, R. K. 2010. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. São Paulo: Bookman, <http://www.slideshare.net/AdeylsonLichtenheldCraus/estudo-de-caso-planejamento-e-metodos-yin>, visitado: 21.10.2014.

## Manuais

- LETRA, C., & BORGES, M. (2013). *O Mundo da Carochinha – 1º ano*. Alfragide. Editora Gailivro.
- LETRA, C., & BORGES, M. (2013, manuscrito). *O Mundo da Carochinha – 2º ano*, Alfragide: Editora Gailivro.
- LIMA, E. & BARRIGÃO, N. & PEDROSO, N., & SANTOS, S. (2013). *Alfa – Português 1 – 1º ano*. Porto: Porto Editora.
- LIMA, E., Barrigão, N., PEDROSO, N., & ROCHA, V. (2013). *Alfa - Português 2 – 2º ano*, Porto: Porto Editora.